



Características da produção de ovinos e caprinos em propriedades modais da BA, MS, RS e MG

Por Klinger Aragão Magalhães¹, Juan Diego Ferelli de Souza, Vinícius Pereira Guimarães, Caroline Malhado Pires Barbosa, Espedito Cezário Martins, Zenildo Ferreira Holanda Filho.

A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e a Embrapa Caprinos e Ovinos realizaram o Projeto Campo Futuro com abordagem específica nas duas culturas. Para a realização deste trabalho, a CNA contou com o apoio das Federações da Agricultura e também dos sindicatos rurais em reuniões chamadas de painéis. Estes encontros, realizados com a presença de produtores locais e técnicos, buscam caracterizar a propriedade mais comumente encontrada na região, também denominada “propriedade típica” ou modal.

Ao todo foram visitados oito municípios em quatro estados para levantar os custos de produção da ovinocultura e da caprinocultura: Senhor do Bonfim (BA), Juazeiro (BA), Campo Grande (MS), Dourados (MS), Santana do Livramento (RS), Bagé (RS), Barbacena (MG) e Januária (MG).

Os painéis identificaram os índices zootécnicos e informações econômicas dos sistemas de produção das regiões pesquisadas.

A definição da propriedade modal apontou grande variação tanto no tamanho da área quanto do rebanho, com predominância da ovinocultura de corte. A produção de caprinos só foi considerada como parte da propriedade típica nos municípios de Senhor do Bonfim e Juazeiro, ambos na Bahia. Um ponto importante a destacar a partir da análise do Quadro 1 é sobre o manejo alimentar, que tem reflexo direto sobre a produtividade e economicidade do sistema. Levando em conta o fornecimento de volumosos, percebe-se que a variação entre o fornecimento de forragens cultivadas ou apenas a pastagem nativa é influenciada também pela quantidade e variedade das mesmas.

Em alguns casos, a área de forragens cultivadas é bem reduzida, não havendo produção necessária para suprir a demanda existente em patamar adequado. Pesam também as condições climáticas, que têm influência determinante na produção e na oferta de forragem, com variações significativas mesmo entre os polos do mesmo estado.

Na Tabela 01 são apresentados os principais índices zootécnicos para os sistemas de produção de ovinos e/ou caprinos identificados nas propriedades modais. A taxa de natalidade, que consiste na relação entre as matrizes paridas e o total de matrizes do rebanho, apresenta comportamento entre 80% e 90% em todos os polos, com exceção de Campo Grande (MS), onde este índice cai para 70%.

Quadro 1 – Principais características das propriedades modais produtoras de ovinos e caprinos

Polo \ Característica	Tamanho da Propriedade (ha)	Rebanho (ovino / caprino)	Tipo Racial predominante (Ovino/caprino)	Outras atividades agropecuárias presentes	Principal fonte de volumoso	Presença de pastagens / forragens cultivadas
Senhor do Bonfim (BA)	80	40/60	Mestiço: Santa Inês e Dorper / Anglonubiano e Boer	Feijão, milho, mamona, bovinocultura mista, avicultura	Pastagens cultivadas e nativas	Capim Buffel e Palma
Juazeiro (BA)	50	50/50	Mestiço: SRD / SRD e Anglonubiano	Avicultura	Pastagem nativa	Não
Campo Grande (MS)	51	Ovinos: 600	Sem padrão definido	Não	Forragens cultivadas e silagem de milho	Braquiária / Panicum

¹ Os autores são pesquisadores e analistas da Embrapa Caprinos e Ovinos

Polo \ Característica	Tamanho da Propriedade (ha)	Rebanho (ovino / caprino)	Tipo Racial predominante (Ovino/caprino)	Outras atividades agropecuárias presentes	Principal fonte de volumoso	Presença de pastagens / forragens cultivadas
Dourados (MS)	500	Ovinos: 100	Mestiço: Suffolk	Soja, milho, bovino corte, arrendamento	Forragens cultivadas e silagem de milho	Braquiária / Panicum
Bagé (RS)	100	Ovinos: 100	Corriedale / Ideal	Bovinocultura de corte	Pastagens cultivadas e nativas	Azevém, aveia
Santana do Livramento (RS)	300	Ovinos: 300	Corriedale / Texel / Ideal	Bovinocultura de corte	Pastagens cultivadas e nativas	Azevém, aveia, milheto
Barbacena (MG)	35	Ovinos: 200	Santa Inês / Dorper	Não	Pastagem cultivada, silagem milho	Braquiária, cana/ capim Napier
Januária (MG)	50	Ovinos: 60	Santa Inês / Dorper	Bovinocultura mista, avicultura, suinocultura	Pastagens cultivadas e nativas	Braquiária, Panicum, Cana / sorgo / capim Napier

Fonte: Projeto Campo Futuro CNA/Embrapa Caprinos e Ovinos (2016)

Já a quantidade de crias por parto apresenta variação relativamente maior entre os polos, associada tanto a fatores ambientais quanto genéticos dos rebanhos. Para a ovinocultura, este índice variou entre 1,0 nos polos do Rio Grande do Sul e 1,3 nos dois polos de Minas Gerais e

de Dourados (MS). Para a caprinocultura, registrada apenas nos polos do estado da Bahia, este índice foi de 1,2 em Senhor do Bonfim e de 1,4 em Juazeiro.

O índice zootécnico que mais chama atenção é a mortalidade na fase de alei-

tamento, que influenciam todas as fases subsequentes em termos de produtividade e viabilidade. Este indicador está ligado diretamente ao manejo sanitário e alimentar, que às vezes implica em maiores custos e é decisivo para a tomada de decisão do produtor.

Tabela 1 – Principais índices zootécnicos das propriedades modais dos polos de produção de ovinos e caprinos

Característica \ Polo	Taxa de natalidade (matrizes paridas / total matrizes)	Crias por parto (ovino / caprino) (média)	Taxa mortalidade aleitamento (ovino / caprino)	Taxa mortalidade pós desmame (ovino / caprino)	Peso ao desmame Kg (ovino / caprino)	Peso vivo de venda para abate Kg (ovino / caprino)
Senhor do Bonfim (BA)	90% / 90%	1,2 / 1,2	13% / 13%	3% / 3%	16 / 14	25 / 22
Juazeiro (BA)	80% / 80%	1,1 / 1,4	30% / 30%	10% / 10%	13 / 11	26 / 26
Campo Grande (MS)	70%	1,1	12%	5%	18	40
Dourados (MS)	80%	1,3	10%	5%	17	40
Bagé (RS)	90%	1	30%	4%	25	35
Santana do Livramento (RS)	80%	1	20%	5%	25	35
Barbacena (MG)	80%	1,3	5%	3%	22	40
Januária (MG)	90%	1,3	20%	5%	12	30

Fonte: Projeto Campo Futuro CNA/Embrapa Caprinos e Ovinos (2016)

Vale destacar o levantamento das receitas dos produtores nos oito polos avaliados. No Nordeste, predomina a venda de

animais para abate. Nos outros estados, os animais também são vendidos para reprodução. Nos polos do Rio Grande do

Sul, foi verificada, ainda, a comercialização de lã, fator econômico importante para os sistemas de produção do sul do país.

Uso de palma forrageira na alimentação do rebanho

Lucas Fonseca Menezes Oliveira²

A palma forrageira é originária do México e cultivada atualmente em todo o mundo. É muito utilizada na indústria e na produção de forragem para a pecuária. Na primeira década do século XX, a palma começou a despertar interesse como forrageira no Brasil, sendo introduzida no Nordeste e disseminada por incentivo do governo após a seca de 1932, o que resultou em crescimento da área plantada desta cultura após períodos prolongados de estiagem. O Brasil possui aproximadamente 600 mil hectares plantados, e a produção é quase que exclusivamente encontrada na região semiárida nordestina.

No Nordeste, a pecuária é prejudicada pelas constantes secas e períodos curtos de chuvas. A baixa disponibilidade de forragem faz com que os produtores procurem por alimentos alternativos, necessitando maiores investimentos. Parte do potencial forrageiro da palma vem da sua

grande capacidade de absorver e aproveitar a água em seus processos fisiológicos, apresentando eficiência de uso de água até 11 vezes maior quando comparada com outras plantas de uso forrageiro, com algumas variedades acumulando até 90% de seu peso vivo em água.

A palma forrageira é cultivada em diversos sistemas de manejo. A irrigação é muito utilizada pelos produtores na formação de reserva alimentar estratégica, produzindo de 200 a 250 toneladas(t) de massa verde por hectare (ha) quando são plantadas 50.000 plantas/ha e 80.000 plantas/ha, respectivamente. O consumo médio é de 25 milímetros (mm) de água a cada 15 dias no sistema irrigado por aspersão. Em 2014, o Ceará apresentou custo de implantação de um hectare de palma forrageira, com aproximadamente 50.000 plantas, na ordem de R\$ 12.000,00, levando-se em consideração mão de obra e aquisição de insumos.

Por conta das características que garantem sua sobrevivência nas regiões áridas e semiáridas, a palma forrageira desempenha papel de grande importância como volumoso nos sistemas produtivos no semiárido nordestino, sendo utilizada na bovinocultura leiteira, na caprinocultura e na ovinocultura como fonte alternativa de água para os animais e como suplemento nas rações nos períodos mais secos do ano.

Diversas variedades de palma forrageira apresentam composição química e digestibilidade similares aos encontrados em silagens de milho e sorgo, tendo como principal fator limitante na alimentação animal a pouca quantidade de matéria seca e fibra que pode ser facilmente suplementada com outros volumosos. Na Tabela 2, é apresentado o valor nutricional da palma, comparado com as silagens de sorgo e de milho.

Tabela 2. Composição química e digestibilidade das cultivares de palmas redonda, gigante, miúda e clone IPA-20 e das silagens de sorgo e de milho, em percentagem, na base da matéria seca

Discriminação	Cultivares de palma			Silagens		
	Redonda	Gigante	Miúda	Clone IPA-20	Sorgo	Milho
Matéria seca	11	10,2	15,4	10	37,6	35,6
Proteína bruta	5	5,3	3,5	5,5	5,5	6,5
FDA	22,2	22,4	23	20	-	-
FDN	28,1	26,9	28,4	26	-	-
DIVMS	74,4	75	77,4	-	68	72
Cálcio	2,88	2,78	2,25	2,8	0,43	0,36
Fósforo	0,14	0,13	0,1	0,1	0,12	0,22
Potássio	2,45	2,11	1,5	1,7	1,18	1,57
Carboidratos solúveis	29,1	29,5	57,9	-	ND	ND

FDA - Fibra em detergente ácido

FDN - Fibra em detergente neutro

DIVMS - Digestibilidade "in vitro" da matéria seca

ND - Valores não determinados pelo fato de serem silagens

Fonte: Edson Batista Lopes, 2012

Quando fornecida de forma associada a volumosos e outras fontes proteicas,

a palma forrageira pode reduzir o custo diário da alimentação no cocho de ca-

bras em lactação e de cordeiros na fase de engorda.

² Analista Embrapa Caprinos e Ovinos

Balança comercial de ovinos e caprinos

Os dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio confirmam o estágio incipiente da produtividade e da produção da ovinocultura e da caprinocultura para todo o país. As duas culturas não atendem a demanda interna nem geram excedentes para exportações. De janeiro a julho de 2015, as exportações de carne de ovinos totalizaram US\$ 527,00, oriundas de São Paulo, enquanto no mesmo período de 2016 não houve registro de vendas externas. Entretanto, houve crescimento das exportações de miudezas de ovinos e caprinos congeladas entre janeiro a julho de 2015 e o mesmo período deste ano. A receita subiu de US\$

184,1 mil para US\$ 434,1 mil. Embora seja um valor baixo, o fato merece destaque em termos de abertura de mercado. Os preços médios deste produto apresentaram queda e o incremento se deu pelo aumento do volume embarcado.

Na presente análise do período de janeiro a julho de 2015 e 2016, observa-se redução no volume total exportado de lã e fios de lã, de 5,4 mil toneladas para 3,7 mil toneladas. No entanto, os preços médios foram mais altos em 2016 para estes produtos. Desta forma, o valor obtido com as vendas externas subiu de US\$ 19,2 milhões para US\$ 13,5 milhões. O produto

mais representativo deste grupo é o de lã suja com finura entre 22,05 e 32,6 microns, principalmente do Rio Grande do Sul, que teve aumento de preço médio recebido no período em análise, de US\$ 3,07/Kg em 2015 para US\$ 3,23 neste ano.

Por outro lado, a comercialização de peles e couros de ovinos e caprinos para outros países no período desta análise subiu em torno de 46,0%, em função do aumento no volume e tipos de produtos exportados, pois os preços destes itens tiveram queda.

Tabela 3 – Exportações de produtos da ovinocultura e caprinocultura (comparativo janeiro a julho 2015/2016)

	Jan/Jul 2015	Jan/Jul 2016
	Valor (US\$)	Valor (US\$)
Peças não desossadas de ovino, congeladas	527	0
Miudezas	184.145	434.127
Peles e Couros	3.166.324	4.617.112
Lã e fios de lã	19.200.744	13.535.673

Fonte: MDIC

No que se refere às importações, o comércio de animais vivos recuou em 2016 (janeiro/julho) na comparação com o mesmo período do ano passado, de US\$ 8,9 mil para US\$ 5,8 mil. Mas os principais itens importados são carcaças e carnes e

o principal comprador é Mato Grosso do Sul. Se para as vendas externas aparecem o produto miudezas, nas importações figura o item tripas de ovinos, adquiridas principalmente por São Paulo e Paraná. Além destes, verifica-se a compra de pe-

les e couros e lã, mas houve redução nas aquisições de outros países. Uma análise conjunta das importações e exportações sinaliza que o cenário de crise econômica vivenciada no país gerou um provável reflexo nos valores do comércio internacional com a retração de seus números.

Tabela 4 – Importações da ovinocultura e caprinocultura (comparativo janeiro a julho 2015/2016)

	Jan/Jul 2015	Jan/Jul 2016
	Valor (US\$)	Valor (US\$)
Outros ovinos reprodutores de raça pura	8.912	5.815
Carcaça e carne	23.106.584	19.830.748
Tripas de ovinos	11.276.937	4.625.359
Peles e couros	2.780.389	1.650.776
Lã e fios de lã	2.411.192	2.178.186

Fonte: MDIC